

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v14i24.567>

MEIO DE COMUNICAÇÃO SONORO E BIOGRAFIA: a construção da narrativa e a invenção de um passado¹

MEANS OF SOUND COMMUNICATION AND BIOGRAPHY: the construction of narrative and the invention of a past

MEDIO DE COMUNICACIÓN SONORO Y BIOGRAFÍA: la construcción de la narrativa y la invención de un pasado

ÉRITO VÂNIO BASTOS DE OLIVEIRA

Doutorando em História pela UNICAMP, bolsista do CNPq

Belém, Pará, Brasil

eritovanio@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo pensar algumas das possibilidades que a biografia ou os estudos de trajetória podem oferecer para a compreensão dos meios de comunicação de massa, particularmente, a radiodifusão, no seu processo de constituição e representação social. Para tal, a memória torna-se um elemento importante de evocação e mobilização para a feitura de uma narrativa identitária desse meio sonoro de comunicação na sociedade. As comemorações relacionadas a essa radiodifusão oportunizaram perceber a necessidade de recuperar e narrar determinado passado para torná-lo inteligível e útil para o presente. A pesquisa direcionou-se para o conjunto das comemorações de cinquenta anos da primeira emissora de rádio da Amazônia brasileira, a Rádio Clube do Pará, em 1978, e como se produziu um duplo biográfico, ou seja, tanto a emissora quanto alguns dos personagens envolvidos nela tornaram-se objetos de uma narrativa biográfica e parte de uma invenção de um passado.

Palavras-chave: Rádio na Amazônia. Comemorações. Biografia.

Abstract: This article intends to consider of some of the possibilities that the biography or the trajectory studies can provide for the understanding of the mass media, particularly broadcasting, in the process of constitution and social representation. To this end, memory becomes an important element of evocation and mobilization for the making of a narrative identity of this mean of sound communication in society. This broadcasting-related celebration made it possible to perceive the need to recover and narrate a past to make it intelligible and useful for the present. The research focuses on the fifty-year celebrations of the first Brazilian Amazon radio station, Rádio Clube do Pará, in 1978, and how a biographical double was produced, that is, both the broadcaster and some characters involved in it have become objects of a biographical narrative and part of an invention of a past.

Keywords: Radio in the Amazon. Celebrations. Biography.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo pensar algunas de las posibilidades que la biografía o los estudios de trayectoria pueden ofrecer para la comprensión de los medios de comunicación de masas, particularmente, la radiodifusión, en su proceso de constitución y representación social. Para ello, la memoria se convierte en un elemento importante de evocación y movilización para la elaboración de una narrativa identitaria de ese medio sonoro de comunicación en la sociedad. Las conmemoraciones relacionadas a esa radiodifusión oportunizaron percibir la necesidad de recuperar y narrar determinado pasado para hacerlo inteligible y útil para el presente. La investigación se dirigió al conjunto de las conmemoraciones de cincuenta años de la primera emisora de radio de la Amazonia brasileña, Radio

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2017 e aprovado para publicação em novembro de 2017.

Club do Pará, em 1978, y cómo se produjo un doble biográfico, o sea, tanto la emisora como algunos de los personajes involucrados en ella se convirtieron en objetos de una narrativa biográfica y parte de una invención de un pasado.

Palabras clave: La radio en la Amazonía. Celebraciones. Biografía.

Introdução

A temática desse texto é discutir questões relacionadas à biografia enquanto possibilidades de estudo para uma emissora de rádio compreendida tanto como meio de comunicação de massa quanto uma instituição atuante na sociedade. É, neste sentido, que se abordará a Rádio Clube do Pará como objeto de uma narrativa de trajetória elaborada com elementos biográficos, por ocasião das comemorações do seu cinquentenário, em 1978, na cidade de Belém do Pará. Uma das hipóteses aqui trabalhadas direciona-se a pensar que um passado foi apropriado e mobilizado enquanto parte constituinte de uma escrita celebrativa da trajetória desta rádio. O propósito, neste sentido, será revelar que tal passado do rádio tanto foi objeto de uma invenção de pensadores ligados ao próprio meio de comunicação quanto fez parte de uma memória familiar em particular.

A importância deste tema justifica-se em diversas direções. Em primeiro lugar, ela desloca a questão dos estudos de biografia no debate travado nas últimas décadas no campo das ciências sociais, historiografia e da própria comunicação. De maneira geral, a tradição de estudos desenvolvidos sobre biografia apresenta uma diretriz epistemológica definida: biografia é narrar a vida de um indivíduo em particular, ainda que se pretenda estabelecer relações com os grupos sociais e a sociedade em geral. A proposta defendida no texto permite dizer que a emissora Rádio Clube do Pará, enquanto instituição, uma empresa de comunicação, foi objeto de uma narrativa de trajetória com importantes elementos biográficos apresentados. Então, a proposta é sugerir a possibilidade de biografar a vida de uma instituição como a rádio de Belém. Em segundo lugar, porque é objetivo deste artigo colocar em evidência o problema do passado seja enquanto invenção, no sentido de uma “tradição inventada”, seja como parte de uma memória familiar que reivindicou o estatuto de escrita e fala sobre esta emissora de rádio.

Isto colocado, cabe ainda não esquecer que a experiência radiofônica compreendida na sua complexidade histórica, ou seja, atentando para suas materialidades e representações no espaço e no tempo, mas que pouco tem sido objeto de reflexão de historiadores ou de estudiosos da comunicação quando correlacionada com a perspectiva

biográfica. Alguns trabalhos mais próximos dessa preocupação como o de Tom Cardoso e Roberto Rockmann ou de Sérgio Cabral², destacando a trajetória de personalidades do mundo do rádio, da música popular e do futebol, ou ainda, noutra direção, as importantes publicações que versam sobre autobiografias, depoimentos e textos memorialísticos desses “protagonistas” do meio de comunicação.³ Nessas narrativas, a própria biografia e alguns dos recursos que se utilizam, como a memória, o arquivo familiar, o álbum de fotografias e o sentido temporal da narrativa, por exemplo, não se tornam objetos de preocupação reflexiva.

Diante desses incômodos envolvendo a escrita biográfica, de modo geral, e mais diretamente em suas relações com a radiodifusão, procurei com esse texto, tomando como ponto de partida a análise de uma narrativa sobre a trajetória da primeira emissora de radiodifusão da Amazônia brasileira, por ocasião dos festejos e celebrações do seu cinquentenário em 1978, na cidade de Belém do Pará, enfrentar essas questões e desenvolver uma reflexão inicial.

Dois tempos de uma rádio: passado e presente

No final dos anos 70, com as comemorações dos cinquenta anos da primeira emissora de radiofônica da Amazônia brasileira, a Rádio Clube do Pará, houve uma preocupação de retomar o passado, procurando definir um legado e materializar uma memória em relação a essa emissora. Nessa retomada, como lembrou Marieta Ferreira, “procuram estabelecer caminhos para uma redefinição da identidade”, no que as celebrações adquirem um lugar medular “no universo político contemporâneo”, inclusive porque se tornaram centrais na “construção da identidade”⁴. Ao evocar suas lembranças, dialogar com uma memória e legado festejados “consensualmente” e ao repercutir os efeitos das solenidades oficiais da rádio, o literato paraense Augusto Meira Filho, por exemplo, discutia o papel desse meio de comunicação sonoro na redefinição da identidade, transitando entre o local e o

² CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. *O Marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa Editora, 2005; CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1990.

³ LADEIRA, César. *Acabaram de ouvir: reportagem numa estação de rádio*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933; MURCE, Renato. *Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1976; TAVARES, Reinaldo C. *Histórias que o rádio não contou*. São Paulo: Negócio Editora, 1997.

⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. *Projeto História: ética e história oral*, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

nacional, a partir de Belém do Pará: “Efetivamente, uma glória do Pará, da Amazônia e do Brasil”.

Por isso, talvez seja oportuno falar em invenção, pois ao analisar um conjunto de artigos, matérias, imagens fotográficas, *slogans* publicitários veiculados no *Jornal Relâmpago*, caderno especial do matutino *O Liberal*⁵, assinado e organizado por Edyr Augusto Proença, em 22 de abril de 1978, repercutindo e tomando parte nas comemorações de meio século da emissora. Edyr Augusto, neto de um dos fundadores e filho do diretor geral da emissora Rádio Clube do Pará, escreveu uma narrativa em que podemos notar, como veremos a seguir, de que maneira a emissora, no final dos anos 70, inventou seu próprio passado.

Esta invenção do próprio passado é compreendida aqui no sentido que o historiador britânico Eric Hobsbawm identifica como “tradições inventadas” que seria “um processo de formalização e ritualização”, onde se refere ao passado por repetição. O que o historiador não enfatizou em sua abordagem refere-se à produção intelectual dessa “invenção da tradição”.⁶ A abordagem indicada aqui identifica a invenção do passado da rádio pela própria emissora ao repetir atos celebrativos e formalizar práticas ritualizadas por ocasião das celebrações de aniversário do meio de comunicação sonoro. Também se torna invenção porque resultou na produção intelectual de uma narrativa que fincou lugares, personagens e eventos desse meio de comunicação.

Com texto de capa intitulado “Rádio Clube: 50 anos”⁷, editorial do caderno *Jornal Relâmpago*, em que procurou evocar a fala e a visão dos então diretores e donos da emissora naquele momento – ano de 1978 –, a ideia central que pareceu acompanhar todo o texto pareceu ser a ligação estabelecida entre a rádio existente no presente com aquela que é evocada do passado:

Nesses cinquenta anos, era natural que fossemos atingidos também pela força da evolução. Mudaram-se os esquemas de programação, mudaram-se os dirigentes, mudaram-se as formas de rádio. Mas permaneceram intocáveis os princípios de

⁵ Algumas informações de referência sobre o *Jornal O Liberal*: foi fundado em 1946 pelos membros do Partido Social Democrático, chefiado por Magalhães Barata, Interventor de Vargas e, depois, Governador do Pará. No início, era um diário vespertino e combatia os “anti-baratistas”, reunidos em torno da *Folha do Norte*, de Paulo Maranhão. O comerciante Rômulo Maiorana comprou esse diário em 1966, que passou a ser matutino e impresso a cores, sendo que, no ano de 1971, passou a divulgar como seu subtítulo “Jornal da Amazônia” e, atualmente, pertence e é administrado pelos herdeiros e familiares de Maiorana.

⁶ Cf. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 9-12.

⁷ PROENÇA, Edyr Augusto. Rádio Clube 50 anos. *Jornal Relâmpago*, Belém, p. 1, 22 abr. 1978.

retidão dos primeiros instantes: da seriedade e respeito, sobretudo os compromissos assumidos perante o povo, os únicos que hão de ser imutáveis para nós.⁸

Observando o texto, mesmo quando a visão do rádio sobre si mesmo disse acerca do processo de “evolução” que sofreu, ao longo do tempo, com as mudanças nos esquemas de programação, dos dirigentes e das “formas de rádio”, ela o fez sem perder a referência de um passado da emissora – da fundação aos anos 50, período administrado pelos fundadores – representado pelos princípios e valores dos primeiros protagonistas da rádio, que significariam o parâmetro central em meio à nova condição financeira e comercial desse meio de comunicação no final dos anos 70 – novo momento do capitalismo e da indústria cultural. Produziu-se, segundo essa visão, uma mescla entre uma herança moral e cultural, advinda de um passado, com os novos condicionamentos, proporcionados pelos interesses financeiros e comerciais no presente. No entanto, um elemento seria a base dessa mescla, a representar, ao mesmo tempo, o grande objetivo da emissora, que seria o de permanecer intimamente ligado “ao coração paraense”, agindo “em favor dos problemas de nossa terra e do nosso povo”.

Segundo Edyr Augusto Proença, o que justificava esses valores no tempo dos fundadores era a clareza e definição do objetivo que desejavam com esse meio de comunicação: a ideia de um projeto de utilidade pública, visando oferecer serviços e soluções para o povo paraense e em benefício da terra. Aqui, evidenciou-se um segundo elemento destacado pelo autor, ou seja, o conjunto de significados sociais e culturais que o rádio representaria cotidianamente para os paraenses. “Desenvolvimento cultural”, serviços à população, portanto, a ênfase recaiu no sentido e sentimento público da emissora radiofônica.⁹ Por exemplo, o significado assinalado de “desenvolvimento cultural paraense” do meio de comunicação sonoro estaria representado pelas suas ações de transmitir notícias e músicas, ou seja, proporcionando instrução e diversão para os ouvintes paraenses. Essa sua condição diária de contato com os paraenses, e por tanto tempo, fez com que ela se tornasse “íntima, querida, que tem carinhosamente como uma coisa sua” pelo povo paraense:

A história do Rádio Clube está intimamente ligada ao desenvolvimento cultural paraense. Ele tem sido um polo de expansão pelas comunicações, levando a todos os quadrantes do Estado o rumo dos acontecimentos, levando a notícia que informa, que instrui, que estimula, que entusiasma, e da música que embevece, que distrai, que diverte. E pelos caminhos percorridos junto com o povo, nasceu uma afinidade que lhe concede um lugar afetivo entre a coletividade, que tem carinhosamente como uma coisa sua, muito íntima e querida.¹⁰

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

Como veremos mais adiante, tal referência de ligação com o povo e seu papel no “desenvolvimento cultural paraense” também se fez presente e circulou por outros discursos, como o publicitário e, mais do que isso, alçada enquanto representativa de uma identidade local.

Embora Edyr Augusto Proença tenha usado os termos “desenvolvimento” e “evolução”, eles não foram apropriados enquanto sinonímia. “Desenvolvimento” pareceu estar relacionado com a produção e manifestação intelectual e artística, enquanto “evolução”, apesar de originariamente ser relativo às metáforas biológicas, foi empregado pelo autor na associação com as mudanças econômicas vivenciadas por uma empresa comercial, no caso, a própria emissora radiofônica, em suas novas configurações no final dos anos 70. Para esse pensador da rádio, o liame da emissora com a “força de evolução” não deveria ser de “subserviência”, mas de diálogo: “Mesmo que a atualidade exija conotações de interesses financeiros, como qualquer empresa comercial, fazemos questão de resguardar os ideais que vem de nossos fundadores”.¹¹ Em outras palavras, para Edyr Augusto Proença, o significado e o papel da Rádio Clube do Pará no “desenvolvimento cultural paraense” poderia ser explicado pelo diálogo entre “evolução” estrutural e material e a “herança” de valores e princípios, advindo do “resguardo das ideias dos fundadores”, ou ainda, entre o chamado rádio antigo e o novo, a notar e reconhecer seus nexos e mudanças.

O biógrafo e pensador em foco

Como o leitor pode notar, estamos diante de um personagem que se apresentou enquanto narrador e pensador da trajetória da emissora Rádio Clube do Pará e dos significados do seu passado. Edyr Augusto Proença usufruía de autoridade para legitimar suas afirmações? Ele desfrutava de algum foro de “verdade” para convencer seus leitores da narrativa que tecia? Quem era esse “Edyr”? E quanto a sua narrativa, podemos nos indagar sobre como ela se apresentou ou quais os propósitos de sua comunicação?

Edyr Augusto Proença foi um dos cinco filhos que surgiram da união das famílias Proença e Camarão. O conhecido Edyr de Paiva Proença e Celeste Camarão, seus pais, eram representantes dessas famílias que se destacaram no envolvimento com a imprensa e radiodifusão, na literatura e música popular no Pará. Seu pai, Edyr de Paiva Proença, atuou de maneira intensa no periodismo de Belém como colunista de rádio e esportes de quase todos os

¹¹ Ibid.

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

jornais, durante várias décadas, e escreveu livros sobre o futebol paraense, além de uma importante produção de compositor e músico popular. “Ele trabalhava de dia na rádio e de noite ele ia para os jornais, fazia páginas de jornais, escrevia colunas, era uma loucura”, assim rememorou Edyr Augusto Proença sobre as atividades diárias e o lugar da imprensa e do meio de comunicação sonoro na vida de seu pai.

Celeste Camarão foi intérprete de música popular nos anos 40, principalmente dos compositores Gentil Puget e Waldemar Henrique, músicos paraenses que tematizavam a “Amazônia” e suas manifestações “folclóricas”. Celeste juntou-se ao seu futuro marido, no final dos anos 30, integrando o grupo musical *Bando da Estrela* como cantora sobretudo de sambas, e passou a atuar frequentemente na PRC-5, Rádio Clube do Pará, com a alcunha de “voz morena” ou “professorinha do *broadcasting* paraense” e tendo como irmã, Adalcinda Camarão, a “poetisa da Amazônia”¹². Então, Edyr Augusto Proença nasceu em um lar envolvido de maneira intensa com uma produção cultural, desenvolvida através da literatura, da música popular, do teatro, tendo, cotidianamente, ora como pano de fundo, ora como espaço privilegiado, a emissora e toda experiência que proporcionava. Na década de 1970, Edyr Augusto convenceu e estimulou seu pai a voltar para a atividade musical, com a composição de sambas e tornou-se um dos parceiros dele enquanto letrista, originando as canções *Amor Imperfeito, Ana Luíza, Rua do Poeta, Meu Canto de Amor Por Belém*. Nas palavras do filho Edyr, a vida musical de seu pai:

Ele rapazola era seresteiro, então ele formou um grupo chamado ‘O Bando da Estrela’ porque naquela época era muito famoso o ‘Bando da Lua’, que acompanhava a Carmem Miranda. A cantora do grupo era justamente a minha mãe e eles se apresentavam na Rádio Clube, num programa de auditório e assim foram até que casou, e muito serviço e foram deixando de lado. Ali por volta dos 60, aos 50 anos de idade ou coisa assim, ele começou a voltar a tocar e começou a compor novamente música, e foi uma época em que o *Quem São Eles* (tradicional escola de samba de Belém) começou a ter um grande retorno, comandado por intelectuais, artistas, gente do esporte, aí ele voltou por conta do meu irmão Edgar que também estava envolvido. Ele fez alguns sambas para o *Quem São Eles*. Fez shows. Ele adorava tocar, era compositor [...].¹³

A parceria de Edyr Augusto com seu pai não se limitou apenas à música popular, mas se intensificou de uma maneira ainda mais longeva na comunicação radiofônica. Depois de atuar em várias funções na Rádio Clube do Pará, ainda dirigida por seu avô, Edgar de campos Proença, passou a “ser diretor de programação da Rádio Clube e tinha alguns programas também e fundei a *Rádio Cultura*, fundei a *Rádio Belém* também, fundei a *Rádio*

¹² PUGET, Gentil. Ondas Sonoras. *Revista Pará Ilustrado*, p.10-11, 21 jan. 1939.

¹³Entrevista de Edyr Augusto Proença, novembro de 1999. Disponível em: <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/edyrentre.htm>

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

Cidade Morena que hoje é *Jovem Pan*”¹⁴. Assim, quando seu pai “Edyr” já assumira a direção da emissora, ele, segundo foi possível perceber, destacava-se enquanto um intelectual ou pensador dessa instituição e meio de comunicação sonoro, seja na produção da grade de programação ou na elaboração de uma narrativa sobre a trajetória desse meio de comunicação, em particular, pendulando, como tentaremos ver, em diferentes temporalidades e, mesmo, em distintos espaços da nação. Nessa condição, talvez não fosse tão complicado para Edyr Augusto Proença construir uma trama quase biográfica dessa emissora cinquentenária, de modo a dizer sobre os valores, personagens e relações que a definiram ao longo tempo.

A construção da biografia da rádio: memória e arquivo familiar

Por falar em valores, para o biógrafo da rádio, estariam longe de serem abstrações, sem um “lugar” ou mesmo uma “origem”, em vez disso, admitiriam uma filiação paterna e conformariam uma herança. Assim, ao retomar um passado na trajetória da emissora no Pará, Edyr Augusto Proença resolveu evocar as lembranças sobre as individualidades que ajudaram não só a instituir esse meio de comunicação na região como também a formá-lo, segundo seu entendimento, por intermédio dessa herança de valores. Recorrentemente, as individualidades em questão eram os três principais fundadores: Roberto Camelier, Edgard Proença e Eriberto Pio dos Santos. Nesse rumo, a edição comemorativa do *Jornal Relâmpago* apresentou pequenas informações biográficas de personagens da “história” da emissora, que eram somadas às imagens fotográficas, de modo a oferecer uma espécie de “biografia” da emissora cinquentenária para o público de ouvintes e leitores, enquanto parte do conjunto das celebrações, em abril de 1978.

Não se deve descuidar que o autor e organizador da matéria comemorativa representava a terceira geração da família “Proença”, junto com seu irmão Edgar Augusto e, nesse sentido, tornara-se uma espécie de “porta-voz”, naquele ano de comemorações, do que considere nomear de memória familiar¹⁵ e, ao mesmo tempo, da própria direção da emissora

¹⁴ Entrevista de Edyr Augusto Proença, novembro de 1999. (Grifo nosso).

¹⁵ Resolvi utilizar a expressão “memória familiar” a partir das conclusões que cheguei ao entrevistar Edyr Augusto Proença e acompanhar os demais integrantes da família ligados à radiodifusão no Pará, pela imprensa, depoimentos gravados de Edyr de Paiva Proença e de Edgar Augusto. Observei, portanto, que parte das memórias de cada um dialoga com a de seu antepassado mais direto como, por exemplo, Edyr Paiva com seu pai, Edgar Proença, e noutra direção, com seus filhos que, semelhante a ele, envolveram-se na radiodifusão e imprensa de Belém: Edgar Augusto Proença e Edyr Augusto Proença. A memória genealógica também se dava

homenageada, além de dispor do arquivo familiar de seu avô, Edgar Proença, e do pai, o então diretor Edyr de Paiva Proença. Assim, ao confluir a memória e o arquivo familiar dos “Proença”, Edyr Augusto pareceu compor uma mistura entre revista ilustrada e álbum de família, para revelar a visão que a emissora tinha de si mesma e sobre seu passado.

Nesse sentido, por transparecer um “álbum da rádio” e de sua trajetória, a edição comemorativa sobre o aniversário de 50 anos do rádio paraense e, em particular, da Rádio Clube do Pará, ou seja, do já citado *Jornal Relâmpago*, com matéria datada do dia 22 de abril de 1978, foi organizada de modo a dar interesse especial para as imagens técnicas, especialmente as fotografias e os respectivos textos que as acompanham, como título e legenda, e, ainda, as propagandas no seu formato de imagens e palavras, com o objetivo de “recuperar” um passado relacionado, ou mesmo instituído pela direção da emissora radiofônica. Desse modo, considereei pertinente priorizar três elementos constitutivos dessa edição comemorativa: a narrativa textual, visual e, uma mais específica, a publicitária.

A própria associação feita dessa edição comemorativa, enquanto um “álbum da rádio”, desvela uma natureza importante na composição dessas narrativas, ou seja, a biográfica. Veremos que tanto nos textos dos artigos quanto nas fotografias utilizadas, Edyr Augusto Proença procurou tecer uma narrativa geral e biográfica dos primeiros anos da Rádio Clube do Pará. Mesmo a propaganda, com sua linguagem e referentes textuais e imagéticos, também admitiu uma dimensão biográfica e, do seu modo, também retomou um passado para efeito das celebrações do cinquentenário da emissora paraense. Dito de outra maneira, Edyr Augusto Proença, pela forma de sua escrita e pelo modo como elaborou sua narrativa sobre a rádio, apresentou-se, ainda que não assumidamente, enquanto um biógrafo da emissora cinquentenária e, em alguma medida, da própria radiodifusão na Amazônia paraense.

Também parece que ao intentar biografar a trajetória dessa emissora radiofônica, ele acabou revelando traços de si próprio e de sua “memória familiar”. Por isso, quando se fala em biografia, a primeira premissa é que toda escrita biográfica é um ato de escrita e, portanto, passível de questionamentos e revelador de posições (assumidas e não-assumidas do autor): o biógrafo precisa estar consciente que o primeiro questionamento que vai enfrentar é “porque escreveu sobre esse indivíduo/objeto”? admiração, homenagem, jogo de memória e uma afinidade eletiva “que está na origem da relação pessoal que o autor acaba por manter com o biografado”. Assim, na escrita biográfica encontramos tanto informações sobre o

pelo fio que unia avô e netos. Edyr Augusto lembra que conviveu bastante com seu avô Edgar Proença, no tempo de sua velhice, e acredita que seu estímulo para a literatura e o trabalho de escritor deveu-se a esse contato com o avô e a volumosa biblioteca que dispunha. Fonte: Entrevista realizada com Edyr Augusto Proença, 2016.

biografado quanto sobre o biógrafo, bem como sobre a memória evocada (coletiva e individual) em relação ao indivíduo/objeto, como lembrou Vavy Pacheco Borges.¹⁶ Poncioni, na mesma direção, chamou a atenção para a relação especular que muitas vezes se estabelece na biografia entre o biógrafo e o biografado, pois o autor acaba vendo seu “rosto refletido no retrato” do indivíduo/objeto.¹⁷

A narrativa biográfica dos primeiros anos da rádio teve início com um texto introdutório dessa edição especial intitulado “A quarta emissora do país”, em que procurou informar ou rememorar aos leitores da “história” inicial da emissora como, por exemplo, a justificativa de sua origem:

A história do Rádio Clube do Pará começa num 22 de abril de 1928. O Brasil despertava para a radiofonia, a semente lançada pelo mestre Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, fundando a Rádio Clube do Brasil, medrava em solo fértil e, assim, logo surgiram os seguidores idealistas, com as atividades da Rádio Clube de Ribeirão Preto, da Rádio Clube de Pernambuco. O Pará inscreveria logo o seu nome na história do rádio brasileiro, através de um grupo de idealistas e sonhadores que fundaram a Rádio Clube do Pará.¹⁸

Interessante notar a maneira como ele situou e justificou a emergência e o início da “história” do rádio em terras paraenses, ao atrelar a um movimento maior, em nível nacional, de transformações envolvendo as comunicações radiofônicas. Mais adiante, continuou a biografar a emissora, ao indicar em sua trajetória alguns personagens considerados importantes, os primeiros programas, as primeiras sedes, além dos obstáculos experimentados, a exemplo de seu precário aparato técnico, especialmente nas décadas de 20 e 30.

Num transmissor construído aqui mesmo, de quase nenhuma potência, mas capaz de registrar os sons paraenses nos céus de Belém, o Rádio Clube do Pará começou numa sala da antiga Casa Relâmpago e depois no largo da Trindade [...] Depois, passou a ter maior desenvolvimento quando se localizou num prédio da Travessa Silva Santos, nos fundos do Cinema Olímpia. Então, sua programação era diária, com programas que iam das 12 às 14 horas e das 20 às 22 horas, reunindo artistas e intelectuais da terra em audições muito bem recebidas. Era, então, a PRAF – a Voz do Pará.¹⁹

Essas limitações técnicas e a “trajetória cigana” foram comuns entre as poucas emissoras de rádio existentes no Brasil nos anos 1920 e 1930, portanto, período em que ainda

¹⁶ BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 283-310.

¹⁷ PONCIONI, Cláudia. “Bio-grafar, escrever vidas?” In: SEIXAS, Jacy; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia (Org.). *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

¹⁸ PROENÇA, Edyr Augusto. A quarta emissora do país. *Jornal Relâmpago*, Belém, p. 2, 22 abr.1978.

¹⁹ *Ibid.*

eram organizadas como sociedades ou clubes, de modo a congregar curiosos, entusiastas, amadores da transmissão radiofônica e seu momento de transição para o modelo comercial e de entretenimento.²⁰ Entretanto, sobre a rádio paraense parece importante de alguma maneira precisar, cronologicamente, as informações acima citadas para uma melhor compreensão dessa narrativa de trajetória. Edyr Augusto Proença referia-se aos primeiros cinco anos de existência da Rádio Clube do Pará, época em que seu prefixo ainda era PRAF, com o slogan “A voz do Pará”, entre 1928 e 1933. Assim, sua primeira preocupação foi chamar a atenção em sua escrita sobre esse passado mais recuado da emissora, ou seja, entre final dos anos 1920 até meados da década seguinte, para dizer como a “história” desse meio de comunicação começou no Pará. Seu modelo de escrita biográfica seguiu um formato considerado tradicional, de forma a privilegiar etapas sequenciais da vida biografada, ou seja, origem, infância, amadurecimento, até chegar ao momento do presente da rádio, com destaque para a sua linearidade temporal do final dos anos 1920 ao fim dos anos 1970 e revelando, por tudo isso, uma coerência narrativa que ajudaria a convencer o ouvinte e/ou leitor.

Para além da riqueza dos elementos biográficos citados, parece importante colocar ênfase na coincidência desses argumentos, informações e imagens evocadas, quase um modelo de *mimeses* para outras narrativas de outros momentos comemorativos. Por exemplo, vejamos como se expressou seu pai, Edyr de Paiva Proença, em 1988, também num conjunto de comemorações:

[...] aliás o que parece é que foi ontem que tudo começou, seguindo a linha de entusiasmo de Roquette Pinto, que fundara no Rio sua emissora, sendo seu gesto imitado em Ribeirão Preto e, depois, pelos irmãos Moreira Pinto, em Pernambuco. Eram as Rádio Clube, que inspiraram um grupo liderado por Edgard Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio dos Santos a fundar a do Pará, a primeira em todo o Norte com o prefixo PRAF, a Voz do Pará.²¹

Essa narrativa de fundação do rádio no Pará não pareceu ter os mesmos componentes informativos, sequência de dados e estruturação de sentido evocadas por Edyr Augusto, reiteradamente levadas a público por ele próprio ou sendo reempregadas pelos meios de imprensa, sobretudo nessas datas comemorativas do rádio local? Dez anos depois, ao integrar as celebrações dos sessenta anos da radiodifusão paraense, produziu-se quase o mesmo “preâmbulo biográfico” da emissora pioneira e homenageada. Como pode se compreender isso? Em que se assentavam a verossimilhança e inteligibilidade dessas

²⁰ AZEVEDO, Lia Calabre de. *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil, 1923-1960*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. p. 47-48.

²¹ PROENÇA, Edyr de Paiva. *Jornal TV Cultura* – canal 2, Belém, 1 dez. 1988. Primeira página. Edição comemorativa de três anos de aniversário da Rádio Cultura do Pará FM e sessenta anos do rádio no Pará.

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

narrativas em *mimeses*? A resposta, segundo parece, relaciona-se com a memória, seja na sua organização e transmissão oral ou por intermédio de um arquivo. Sob essas narrativas encontramos uma “memória familiar”, principalmente dos “Proença”, robustecida por um arquivo da família composto por livros, artigos e matérias de jornais, cadernos de anotações e fotografias.

Álbum da rádio: a trajetória visual da emissora homenageada

Desse modo, a maioria das fotografias utilizadas no “álbum da rádio”, que foi a edição comemorativa do *Jornal Relâmpago*, adveio desse arquivo familiar dos Proença. Ainda na primeira parte da página – de forma a corresponder aproximadamente ½ do total –, foram incluídas duas fotografias que apontavam para o forte sentido biográfico dessas lembranças, ou seja, as imagens de Edgar Proença e Roberto Camelier, consideradas médias e dispostas, respectivamente, nos lados direito e esquerdo, sendo entremeadas por um texto introdutório de três parágrafos. Utilizando-se das técnicas de organização do fotojornalismo, buscou-se uma produção de sentido ao enfeixar esses elementos²² – fotos, título, texto principal, além das legendas – numa narrativa com um enredo coerente, definidora de “lugares” tanto para a própria emissora, no âmbito da radiofonia brasileira, quanto para as individualidades que fizeram e operacionalizaram esse meio de comunicação nas últimas décadas da primeira metade do século XX.²³

Ao nos determos sobre a narrativa visual, sobretudo através das fotografias usadas, o que me parece importante ressaltar é que também, por intermédio delas, procurou-se “biografar a rádio” celebrada. Exemplo disso, foram as duas fotos dos fundadores deste meio de comunicação sonoro no Pará, Edgar Proença e Roberto Camelier:

²² MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13. n.1, p. 133-174, jan./jun. 2005.

²³ Nesse sentido, Rafael Hagemeyer lembrou da capacidade de associação e de poder integrar um grande repertório por parte das imagens: “[...] a produção de significado depende também da ordem em que as imagens são apresentadas e da relação de significado produzida entre elas, os sons que a acompanham”, acrescentando, no entanto, eu diria, também, com os textos escritos. Ver HAGEMEYER, Rafael Rosa. *História & audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 23. (Coleção História &... Reflexões).

Figura 1: Edgar Proença e Roberto Camelier.



Fonte: *Jornal Relâmpago*

Acervo: Coleção “Vicente Salles” da Universidade Federal do Pará

O primeiro conjunto de fotografias organizados por Edyr Augusto Proença procurou assinalar, como de regra nas biografias, quem foram os “pais” da emissora de radiofônica, a saber, seus fundadores. Ao lado disso, importante notar que o circuito de exibição dessas imagens não estava restrito aos arquivos familiares das respectivas famílias “Proença” e “Camelier”, porém se moveram num âmbito bem maior, pois essas fotos, então republicadas nos anos 1970, circularam bastante entre as colunas sociais e de rádio nos periódicos dos anos 1930 e 1940, na capital paraense. Os jornais a *Folha do Norte*, o *Estado do Pará*, *A Vanguarda*, *Folha Vespertina* e as revistas ilustradas *A Semana*, *Guajarina* e, principalmente, a *Pará Ilustrado* foram instituídos pela imprensa da segunda metade do século XX, na condição de parte integrante de um arquivo de memórias sobre a radiodifusão e as individualidades que a fizeram e a instituíram em Belém, a partir do final dos anos 1920.²⁴ Particularmente, o magazine *Pará Ilustrado* foi um meio central da imprensa para a exibição dessas fotos dos homens ligados a este meio de comunicação.

Essa revista ilustrada tinha como seu dono e diretor, o próprio Edgar Proença, um dos fundadores e diretores da Rádio Clube do Pará. Assim, a *Pará Ilustrado* servia também

²⁴ Pensando na direção proposta por Jacques Le Goff de que todo documento é monumento, portanto, sendo admitido seus múltiplos usos culturais e políticos, procurei, nesse sentido, pensar essas fotografias em sua dupla condição de documento e monumento. Sobre a discussão documento/monumento ver: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão [et al] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990. p. 468-473. A respeito da análise e usos da fotografia enquanto documento e/ou monumento, ler: MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história, interfaces*. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

como uma “revista da rádio” na imprensa de Belém dos anos 1930 e 1940. Dessa maneira, não se torna difícil concluir que os demais diretores e personagens da emissora também retiravam de seus arquivos pessoais, por exemplo, fotografias para serem publicadas no próximo número da revista. Com isso, essas imagens passaram a fazer parte de um domínio público e da própria memória da imprensa que, por sua vez, como temos observado, acabou por reproduzir o sentido da memória do rádio no Pará, através dos textos memorialísticos e dessas mesmas imagens técnicas.

Se, como disse Raphael Samuel, as fotografias podem ser “a seu modo... lembrança vivida de histórias que havia, de algum modo, esquecido e que não eram fáceis de serem incorporadas à história com ‘H’ maiúsculo”, no caso que nos interessa, observou-se uma inversão: as fotografias das celebrações do rádio não enunciaram lembrança alguma de qualquer história esquecida, ao contrário, reiterou lembranças de um passado consensualmente retomado pelos diretores e homens da emissora, no final dos anos 1970, que admitiriam prefigurar como parte central de uma “História” maiúscula da radiofonia no Pará²⁵. Quase não há espaços vazados para outros personagens, trajetórias e figurações. Por exemplo, cadê as imagens de Gentil Puget?²⁶ Esse personagem importante do rádio no Pará nas décadas de 1930 e 1940 foram, nas décadas seguintes, envolvidos no esquecimento.

As micro biografias: entre um Proença e um Camelier

Outro aspecto a ser destacado refere-se às próprias legendas das fotografias. Através delas é possível notar informações biográficas pontuais sobre personagens considerados importantes na trajetória da emissora, espécies do que resolvi nomear de “micro biografias” compondo a biografia maior, ou seja, da própria emissora aniversariante. Vejamos as duas legendas: a de Edgar Proença procurou sintetizá-lo na expressão que contemporâneos seus lhe deram: o “homem dos sete instrumentos”, ou seja, destacou-se sua condição de polígrafo, a diversidade de suas atividades e a polivalência de seu talento. Aquele que fazia de tudo na cultura, na imprensa e na radiodifusão, uma espécie de homem símbolo da sua geração de intelectuais, envolvidos nessas experiências: “Edgar Proença, era o homem dos

²⁵ SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 49, fev. 1997.

²⁶ Desejo destacar a trajetória importante de Gentil Puget, por exemplo, que nasceu em Belém, no dia 12 de julho de 1912, e faleceu no Rio de Janeiro, em 08 de abril de 1949. Foi um importante pianista, poeta e compositor que Belém teve durante a década de 1930, além de responsável por uma pesquisa valiosíssima de “música folclórica” amazônica. A propósito, ver SALLES, Vicente. *Música e músicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970, p. 238-241 e sobre o programa “Vozes e ritmos do Brasil”, conferir *Revista A Semana*, coluna Rádiovisão, 1 abr. 1939. Acervo: Biblioteca Pública Arthur Vianna, setor de Obras Raras.

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

sete instrumentos. Foi locutor esportivo, comercial, animador de programas, jornalista, escritor, músico, teatrólogo, político e relações públicas”.²⁷

Por sua vez, na legenda da foto de Roberto Camelier,²⁸ o primeiro termo assinalado que o procurou definir foi “outro fundador” que era responsável pela parte técnica da emissora: “Roberto Camelier, outro fundador, era o encarregado pela parte técnica da estação. Em tempos difíceis, montou praticamente sozinho e com poucos recursos os transmissores da Rádio Clube, proporcionando a qualidade de som que cedo distinguiu a emissora”.²⁹ O lugar do seu talento estava posto na técnica e sua importância na expressão do “outro fundador”. Segundo essa perspectiva, ao “pai” Proença era associado o mundo artístico, intelectual e de entretenimento da Rádio Clube do Pará, enquanto que ao “pai” Camelier associavam-se a abnegação, voluntarismo e talento técnico para a engenharia radiofônica e transmissão. O consenso dessas “micro biografias” justificam-se plenamente? Existiriam esquecimentos, silenciamentos ou frestas? Vejamos, por exemplo, sobre Roberto Camelier que, além da reconhecida fama de “engenheiro” e técnico em comunicações, também foi um dos primeiros cronistas de rádio em Belém, ao assinar com o médico Gastão Vieira a coluna radiotelegrafia, do jornal a *Folha do Norte*, no início dos anos 1930, ou ainda, ao ter algumas de suas crônicas transcritas por outras publicações de fora do Estado, como foi o caso da revista carioca *O Malho*, que publicou em sua seção de radiofônica *Broadcasting*, em 14 de março de 1935, explicando dessa forma o editor sobre o texto de Camelier:

Transcrevemos uma crônica lida ao microfone do ‘Rádio Clube do Pará’, a 24 do mês passado, sobre música de Carnaval, por ocasião da irradiação do ‘jornal falado’ que na PRC-5 mantêm os Drs. Gastão Vieira e Roberto Camelier, sob o pseudônimo de G & R.³⁰

²⁷ O uso da expressão que faço de “polígrafo do rádio e da imprensa” para Edgar Proença se justifica, no meu entender, porque no rádio, por exemplo, escreveu e produziu programas, crônicas para serem lidas ao microfone, atuou como radio-ator, locutor esportivo e tomou parte na direção da emissora PRC-5. Na imprensa, além de redator, colunista social e cronista, foi diretor da revista *A Semana* e diretor-proprietário do magazine *Pará Ilustrado*, nas décadas de 30 e 40. Edgar nasceu no ano de 1892, em Belém, e faleceu na mesma cidade, em 1973.

²⁸ Roberto Camelier depois de se diplomar como bacharel em Direito exerceu funções burocráticas como a de delegado na capital federal e, também, de juiz no interior do Pará. Além da advocacia, notabilizou-se por ter sido o “comandante dos entusiastas fundadores do rádio”, sendo alcunhado por Edgar Proença como o “generalíssimo da radiofonia paraense”. Roberto nasceu em Belém no ano de 1898 e faleceu em 1948, no Rio de Janeiro. A respeito, ver VIEIRA, Ruth; GONÇALVES, Fátima. *Ligo o rádio para sonhar: a história do rádio no Pará*. Belém: Ed. Prefeitura de Belém, 2003. p. 36. Por sua vez, quanto ao depoimento de Edgar Proença, Cf. PROENÇA, Edgar de Campos. *Pará Ilustrado*, p. 20, 9 ago. 1941.

²⁹ PROENÇA, op. cit., p. 2.

³⁰ CAMELIER, Roberto; VIEIRA, Gastão. O rádio no Pará. *Revista O Malho*, seção *Broadcasting*, p. 8, 14 mar. 1935. Edição 13.

Com o título “O rádio no Pará”, a crônica de Roberto Camelier e Gastão Vieira foi publicada na primeira página da seção, onde normalmente eram lidos os textos principais. Não vou me deter aqui sobre o conteúdo dessa crônica, embora seja de uma riqueza de informações sobre as ainda incipientes indústrias do disco e do rádio e como elas formavam um circuito desigual envolvendo, por exemplo, as cidades do Rio de Janeiro e Belém do Pará. Contudo, parece importante reter que uma cidade como Belém, tradicionalmente considerada distante das áreas mais dinâmicas do país, não apenas “importou” literatura e pensamento sobre rádio, música popular e indústria fonográfica, como também difundiu uma visão própria sobre essas temáticas e experiências para outras realidades regionais e cidades, a exemplo da capital do país.

Além disso, Roberto Camelier também atuava e interferia na própria gestão artística e de programação da emissora, em alguns momentos. Por exemplo, em outubro de 1939, Camelier e Eriberto Pio dos Santos estavam no Rio de Janeiro para conseguir peças e tecnologia para a montagem de uma estação de ondas curtas para a Rádio Clube do Pará, porém, aproveitaram o momento e entraram em acordo com o maestro Custódio Mesquita para organizar o *cast* da emissora e comandar sua programação. No dia 01 de maio de 1940, o famoso maestro carioca chegou a Belém para trabalhar como diretor artístico, tanto da emissora PRC-5 quanto da casa de espetáculos “Palace Cassino”.³¹

Atentando para as fontes de imprensa dos anos 1930 e 1940, em Belém, com destaque para os noticiários, as entrevistas e os discursos, encontramos um comentário do próprio Edgar Proença, em agosto de 1941, ao rememorar a trajetória da emissora PRC-5, sobre seu parceiro:

[...] a princípio ninguém acreditava em ‘santos de casa’. Houve, realmente, horas incertas, desânimos, decepções, despeitos e derrotismos. Mas nunca faltou comandante. E esse, desde os primeiros dias de PRC-5 até hoje, é Roberto Camelier a quem eu chamo de generalíssimo do rádio paraense.³²

No final dos anos 70, sua figura, como foi mostrado, era do “outro fundador” que teve sua importância apenas associada ao conhecimento técnico em comunicações radiofônicas, enquanto que, no início dos anos 1940, ele fora reconhecido como o “generalíssimo do rádio paraense”. Por que estou a insistir nessa observação? Qual seria a importância disso? Poderia se argumentar, talvez com certa plausibilidade, que essa diferença de tratamento em relação aos dois “pais” fundadores da radiodifusão paraense, notadas não

³¹ PUGET, Gentil. Ondas sonoras. *Folha do Norte*, Belém, 1 nov.1939.

³² Entrevista concedida de Edgar Proença ao jornalista Edgard de Freitas para o “Cine-Rádio Jornal” do Rio de Janeiro e também publicado na revista paraense *Pará Ilustrado*. Cf. PROENÇA, Edgar Augusto, op. cit., p. 20.

apenas nessa edição comemorativa que estamos a analisar, como também no conjunto das celebrações dos cinquenta anos da emissora, compreenda-se pela constatação de que a direção e administração da Rádio Clube do Pará, em 1978, estava nas mãos das famílias “Proença” e “Santos”³³. Porém, a tarefa de retomar um passado desta emissora e exibi-la enquanto uma narrativa de sua trajetória e de seus personagens e fatos coube a Edyr Augusto Proença e também a seu pai, Edyr de Paiva Proença. O primeiro ao trazer o talento literário e jornalístico, enquanto seu genitor, aquele que representava a “memória familiar”.

No entanto, isso não responde suficientemente à questão por duas razões: em primeiro lugar, essa “memória familiar” ao qual me refiro não teria ressonância e materialidade se não estivesse relacionada com uma dimensão de poder. Tratava-se de uma memória ligada a quem dirigia e controlava a rádio no momento das comemorações de seu aniversário de meio século e, mais do que isso, o próprio poder político municipal e legislativo cancelaram essa “memória” nas solenidades oficiais de seus cinquenta anos. Em segundo, as celebrações de aniversário da emissora, desde os de 1930, ofereceram a oportunidade não apenas de evidenciar a invenção de um passado, quanto se tornou momento de evocação e repetição de uma memória sobre este mesmo passado. Em relação ao que foi comentado: memória familiar, lugar de poder, micro biografias e a narrativa biográfica da emissora, não estiveram ausentes a contradição e a incoerência³⁴. Por exemplo, o mesmo Edyr Augusto Proença, responsável também pelas fotografias com suas legendas, assim se referiu sobre os “pais” fundadores e as gerações de “herdeiros” que passaram a administrar a Rádio Clube do Pará:

Dos primeiros dias, resistiram bravamente em seu ideal Roberto Camelier, Eriberto Pio dos Santos e Edgar Proença, que se constituíram nos principais dirigentes, engrandecendo o rádio paraense até que a morte os levou. Ficaram seus sucessores não menos idealistas como Edyr Proença, Carlos Camelier, Avelino Henrique dos Santos e Palmeria dos Santos, que continuaram a administrar a empresa com o mesmo apuro e seriedade que encontraram [...]³⁵

Edyr Augusto, ao se propor buscar um nexos entre o rádio do passado – dirigido e organizado pelos fundadores – e o do seu presente, resolveu distinguir e interligar a trajetória das direções dessa emissora: depois da primeira geração de diretores, veio uma segunda,

³³ “Santos” refere-se à família de Eriberto Pio dos Santos que junto com Roberto Camelier e Edgar Proença foram, além de fundadores da Rádio Clube do Pará, em 1928, na cidade de Belém, os dirigentes chamados “pé duros”, por se dedicarem, cotidianamente, à emissora. Eriberto Pio destacou-se como locutor e diretor comercial da rádio, desde os primeiros anos. Depois, seu filho Avelino Henrique também passou a fazer inúmeros programas a partir dos anos 40.

³⁴ Sobre as incoerências e incertezas na história e na prática do historiador, ver a entrevista de Giovanni Levi em: LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Revista Tempo*, v. 20, p.1-20, 2014.

³⁵ PROENÇA, Edyr Augusto, op. cit., p. 3.

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

representada pelos filhos “herdeiros” de cada um dos três fundadores. Com a morte de Roberto Camelier, assumiu seu filho Carlos Camelier; do mesmo modo, com Edgar Proença, assumiu seu filho Edyr de Paiva Proença; e de Eriberto Pio dos Santos, assumiu seu filho, Avelino Henrique dos Santos. Com o falecimento de Carlos e Avelino, Edyr assumiu a direção geral com Palmeria Santos, sendo Celina Proença (esposa de Edgar Proença) e Maria Silvia Teixeira dos Santos, as administradoras. Ao lado desse núcleo, juntaram-se antigos colaboradores e funcionários da emissora como o locutor Lourival Penalber, o técnico Miguel Santos e novos nomes como Edgar Augusto Proença, Edyr Augusto Proença e Kzan Lourenzo.

As homenagens das propagandas: entre a mensagem comercial e a biográfica

Por último, essa edição comemorativa do cinquentenário da radiodifusão na Amazônia paraense também veiculou um conjunto de propagandas de empresas nacionais como o *Guaraná Antártica* e locais, a exemplo da cervejaria *Cerpasa*³⁶, de maneira a compor a narrativa de trajetória desse meio de comunicação na região e no país.

Antes do mais, parece necessário pontuar que não é de hoje que a publicidade vem recebendo a atenção de diferentes autores numa perspectiva interdisciplinar. O próprio Raymond Williams, em seu estudo em que apontou a publicidade como sistema mágico, procurou situá-la, dialeticamente, tanto como um meio que procura comunicar ideias, imagens, notícias, desejos, afetos e linguagens, quanto “cada vez mais a fonte de financiamento para toda uma gama de comunicações, a tal ponto que, em 1960, a maioria dos serviços televisivos e quase todos os nossos jornais e periódicos não poderiam existir sem ela”.³⁷ E, antes disso, a própria radiodifusão enfrentou transformações que, diretamente, relacionavam-se com os usos dos anúncios, produzindo um meio de comunicação novo, o denominado rádio comercial, que no Brasil foi formado entre as décadas de 30 e 40. Sem dúvida que a visão de Williams direcionava-se para as mudanças históricas da propaganda no ambiente social e cultural inglês, contudo, parte das mudanças envolvendo as comunicações e a publicidade realizou-se paralelamente ou num lapso de tempo relativamente curto em

³⁶ Segundo o jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto, a Cerpasa ou “A Cervejaria Paraense S/A foi fundada por Rolf Eugen Erichsen, como sócio presidente em 1963. Ver o blog de Lúcio Flávio Pinto “Agenda amazônica para um jornalismo de combate”, matéria “Dívida ameaça Cerpasa”, 09 de junho de 2015 e Patrícia Ikeda, matéria “A Cerpa está sem dono e sem rumo”, 18 de março de 2013, publicada pela Revista *Exame*.

³⁷ WILLIAMS, Raymond. Publicidade: o sistema mágico. In: _____. *Cultura e materialismo*. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 251.

diversas sociedades, pelo menos no mundo ocidental. Williams não restringiu sua compreensão do fenômeno da propaganda à realidade comercial, indicando também sua entrada “no mundo da política” e da cultura. Ora, seguindo os rastros deixados pelo intelectual britânico que problematizou as complexidades históricas da cultura e das comunicações, interesse-me, igualmente, pelas formas de “entrada” da propaganda nessas realidades históricas, porém, de forma a considerar como ela ativou a memória enquanto um dispositivo de sentido para esses fins.

Nessa perspectiva, quando retomamos a página do periódico em análise, é revelador notar que na organização do seu espaço, pelo menos, reservou-se $\frac{1}{2}$ para as fotografias e textos referentes às comemorações e “história” do rádio no Pará e, a outra metade, ocupada integralmente pelas propagandas comerciais de marcas reconhecidas no mercado brasileiro, ao menos durante toda a década de 1970. Assim, temos o *Guaraná Antarctica*, marca de amplitude “nacional”, e a *Cerpasa*, além da “PEREIRA DE SOUZA & CIA. LTDA”, ambas de origem e abrangência regional. Cada uma dessas propagandas, localizadas na parte inferior, ocupou $\frac{1}{4}$ do total de espaço da página. Dos três anúncios citados, todos traziam mensagens de “homenagens” em forma de títulos ou, ainda, como um texto um pouco mais extenso.

Dessa maneira, o leitor possivelmente desenvolveria seu ato de leitura em dois sentidos: da esquerda para a direita e da parte superior para a inferior da página, sendo assim, ele visualizaria primeiro uma fotografia de um dos fundadores da radiodifusão no Pará, no caso Edgar Proença, em seguida, faria a leitura de um texto localizado no centro da página e, depois, mais uma fotografia, o “outro” fundador, Roberto Camelier.

Logo, após esse primeiro plano de consumo visual e informativo, o leitor se direcionaria para a parte inferior, de modo a encontrar os anúncios das marcas as quais eu me referi anteriormente. É plausível pensar, talvez, que se produzisse, nesse caso, uma “quebra”, uma descontinuidade entre a matéria que evocou uma memória sobre o mundo do rádio e sua cultura, em relação aos anúncios propriamente ditos. Engano. Tais anúncios ofereceram um fio de continuidade surpreendente com essa memória, potencializando sentidos. Assim, por exemplo, o título de chamada da propaganda do *Guaraná Antarctica* foi este: “brindemos o jubileu de ouro da Rádio Clube com Guaraná Antarctica”. Complementa a comunicação um desenho de uma garrafa desse produto com letras garrafais e em negrito, “Sede feliz”. Existem aqui, a meu ver, pelo menos, a propaganda ativando duas produções de sentido distintas, mas complementares. Por um lado, insinua-se, no imaginário do leitor, a imagem de

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

um banquete de festas e celebrações, onde o produto guaraná é introduzido como parte importante da trama, pois, ao ser a bebida no instante do brinde, estaria sendo investido de uma relevância social para aquela celebração. Por fim, a mensagem síntese e portadora de ambiguidade: “Sede feliz”, no plano da evocação do “brinde” e, também, diretamente para a própria emissora. Logo, ao que parece, tem-se aqui uma produção de sentido para o tempo do presente, o rádio atual. Brindou-se o “agora”, a presença hodierna da emissora. Noutra direção, com efeito, o fato de “brindemos o jubileu de ouro” da emissora sugeriu-nos esse fio com um passado rememorado, uma memória evocada, mas também instigada a evocar.

Figura 2: Propaganda do Guaraná Antártica, 1978.



Fonte: *Jornal Relâmpago*, 22 abr. 1978.
Acervo de Vicente Salles, Museu da UFPA.

Assim, o que ficou sugerido ao analisar essa documentação foi que, para além do escopo próprio da linguagem publicitária de convencer o leitor/consumidor de compra dos produtos, notou-se a produção de outros sentidos comunicativos, como também se pode observar na propaganda abaixo:

Figura 3: Propaganda de cerveja “Cerpasa”, 1978.



Fonte: *Jornal Relâmpago*, 22/04/1978,
Acervo de Vicente Salles, Museu da UFPA.

Com a seguinte frase: “dos 50 anos festejados hoje, estamos juntos há 11 anos”, podemos deprender o que? Eu poderia dizer que essa emissora radiofônica seguiu um

Outros Tempos, vol. 14, n. 24, 2017 p. 35 - 56. ISSN: 1808-8031

comportamento típico de outras emissoras existentes no Brasil nesse período, até mesmo antes? Segundo Amara Rocha, “nos anos 60, o rádio perdeu cada vez mais verbas publicitárias para a televisão. O padrão radiofônico era outro”³⁸. Embora seja verossímil que um movimento similar de migração da maior parte da publicidade para a televisão também³⁹, por exemplo, se verificou na cidade de Belém, o que se notou pelo discurso da cervejaria parece ter apontado que, a despeito desse contexto, produziam-se relações mais duradoras ou de “fidelidade” nas relações entre algumas empresas locais e a emissora radiofônica. Essas relações revelaram, talvez, uma perspectiva diferente do que se entenderia enquanto típico, quando se comenta sobre publicidade e rádios no Brasil, nas décadas de 60 e 70.

O leitor pode, nesse momento, estar interessado em fazer outra indagação: o que isso tem a ver com Edyr Augusto Proença e sua narrativa biográfica sobre a Rádio Clube do Pará? Existe relação entre propagandas como estas e a sua perspectiva biográfica? Não é possível dizer sobre a dimensão, consciente ou não, de Edyr Augusto ou do publicitário que elaborou o texto da cervejaria, por exemplo, mas ela parece integrar-se ao enredo biográfico traçado pelo biógrafo porque teria participado, em alguma medida, de um pouco mais de uma década dessa trajetória, então, celebrada.

Considerações Finais

As comemorações do cinquentenário da primeira emissora de radiodifusão da Amazônia brasileira, a Rádio Clube do Pará, criada em 22 de abril de 1928, ofereceram, como intentou-se mostrar, um momento particularmente oportuno para a produção de narrativas de trajetória e a evocação e mobilização de determinada memória familiar sobre um passado desse meio de comunicação sonoro, em especial, e do conjunto das comunicações no Pará para, com efeito, “inventar” determinada trajetória e passado dessa emissora, seja através do discurso textual, visual ou publicitário, como parte de um produto ou elaboração intelectual. Ao mesmo tempo, como vimos, pode ser considerada invenção pela repetição de alguns elementos que ajudaram a formalizar e ritualizar tal passado nas celebrações de cinquenta anos da emissora.

³⁸ ROCHA, Amara. *Nas ondas da modernização: o rádio e a TV no Brasil de 1950 a 1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano; Faperj, 2007. p. 128.

³⁹ Raymond Williams analisou essa mudança de investimentos da propaganda no conjunto das mídias no espaço europeu, sobretudo britânico. Em relação a cidade de Belém do Pará, existem poucos estudos que delimitem melhor essa problemática, mas temos como uma das raras referências o livro *Memória da Televisão Paraense: e os 25 anos da TV Liberal*. Ver, respectivamente, WILLIAMS, op. cit. e PEREIRA, J. C. *Memória da Televisão Paraense: e os 25 anos da TV Liberal*. Belém: Secretaria Executiva de Cultura do Pará – SECULT, 2002.

Por fim e não menos importante, tanto o biógrafo quanto o objeto de sua biografia e, ainda, a maneira como construiu sua narrativa tornaram-se o escopo de nossa reflexão e, com isso, procurou-se sugerir tanto uma abertura quanto uma experimentação nas relações entre meio de comunicação sonoro e biografia, entrecruzando questões importantes da memória e da história.